

# Quêrcia deu voto decisivo para aprovar sigilo

BRASÍLIA — A votação secreta para todos os temas em debate foi aprovada ontem à tarde na Convenção do PMDB por 477 votos a 270. O voto decisivo — o 445º a ser dado e o 374º (metade mais um do número de votantes) a favor da votação secreta — foi do Governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, para delírio das galerias e dos convençionalistas.

A união da maioria dos Ministros, Governadores dos principais Estados e cúpula do PMDB com a ala "progressista" do Partido acabou provocando a derrota do Líder do Governo, Deputado Carlos Sant'Anna, que se empenhou nos bastidores e defendeu no plenário a votação a descoberto. Pela reação dos convençionalistas e das torcidas presentes nas galerias, ficou evidente que os "progressistas" viram na decisão a abertura do caminho para uma possível aprovação dos quatro anos de mandato.

No início dos trabalhos, a expectativa era para a vitória da votação em aberto. Mas a primeira ajuda para o voto secreto veio cedo, no discurso do Líder do PMDB na Câmara, Luiz Henrique. Ao encaminhar a votação, ele afirmou que a Executiva Nacional havia decidido que a votação seria secreta. Em seguida, justificou: — É a plena identidade do Partido com uma tradição de décadas. Se nós exigimos o voto secreto para o povo que nos elegeu, devemos exigir que entre nós a votação também seja secreta.

"Traidor!", gritaram os torcedores do mandato de cinco anos. Mas Luiz Henrique logo esclareceu que continuava defendendo o mandato de cinco anos para o Presidente Sarney.

Outra surpresa ocorreu no voto do Líder do PMDB na Constituinte, Senador Mário Covas. Muita gente acreditava que ele preferia o voto a descoberto, para marcar a posição de seu grupo perante a opinião pública. Fazendo suspense, Covas afirmou:



Na sessão da tarde, ao centro da Mesa que presidiu os trabalhos, Ulysses Guimarães, Pedro Simon e Milton Reis

"Para evitar as eleiçoes que estão sendo assacadas contra o Governo, dizendo que ele está fazendo pressão... voto secreto".

Como a votação começou pelo Norte, logo no início ficou a impressão de que os Governadores apoiavam o voto aberto. Amazonino Mendes (AM) e Flaviano Melo (AC) fizeram essa opção. Mas a reação foi imediata, com o voto de Waldir Pires (BA). Foi a primeira grande manifestação das galerias na votação. Pouco antes, o Ministro da Saúde, Roberto Santos, já havia optado pela votação secreta. O Ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, seguiu o exemplo, quando o voto secreto já tinha uma boa vantagem.

A delegação de Goiás equilibrou novamente a votação. Liderados pelo

Ministro da Agricultura, Iris Rezende, e pelo Governador Henrique Santillo, todos os delegados daquele Estado se manifestaram pelo voto aberto. Mas a euforia durou pouco. Logo o voto secreto recebeu o apoio dos Governadores de Mato Grosso, Carlos Bezerra, do Pará, Hélio Guérios, de Pernambuco, Miguel Arraes, e do Paraná, Alvaro Dias. E também do Ministro da Reforma Agrária, Marcos Freire, do Presidente do Senado, Humberto Lucena, e do Senador José Richa.

A delegação de Minas Gerais apoiou majoritariamente o voto nominal, sob a liderança do ex-Governador Hélio Garcia, mas em seguida a delegação do Rio Grande do Sul, liderada pelo Governador Pedro Simon, devolveu a larga vantagem pa-

ra o voto secreto. Até mesmo o Ministro da Justiça, Paulo Brossard, recebido por intensa vaia, optou pelo voto secreto. A partir daí, ninguém mais teve dúvidas sobre a vitória desse processo de votação.

A vantagem começou a abrir com os votos das delegações do Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo. Os Governadores Moreira Franco (RJ), Pedro Ivo (SC) e Orestes Quêrcia (SP) optaram pelo voto secreto, seguidos pelos Ministros da Previdência, Raphael de Almeida Magalhães, do Trabalho, Almir Pazzianotto, e da Cultura, Celso Furtado. O Ministro da Administração, Aluizio Alves, optou pelo voto aberto, enquanto o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, não compareceu para votar.

## Líder do Governo tem seu discurso interrompido por vaias e assovios

BRASÍLIA — Interrompido a cada frase que pronunciava por vaias e assovios, o Líder do Governo na Câmara dos Deputados, Carlos Sant'Anna, enfrentou a hostilidade dos partidários do mandato de quatro anos nas galerias superlotadas, ao defender, de tribuna, o voto a descoberto na Convenção.

— Convocam esta Convenção para ter uma decisão. Pois eu venho lhes dizer...

— Mas era impossível falar. Sant'Anna assume tom solene:

— Eu venho lhes dizer, senhor Presidente; eu venho lhes dizer, senhores convençionalistas; eu venho lhes dizer, senhores Governadores...

Muitos delegados o desafiam, dando-lhe as costas. O jeito é gritar:

— Eu venho dizer que os senhores vão ter uma decisão porque nós vamos para o voto. Nós vamos votar. Nós vamos atender aos reclamos da Nação, aos reclamos dos que querem uma decisão das bases. E as bases do Partido, aqui representadas, não de decidir, democrática e soberanamente, sobre os destinos desta Nação.

— Tenta explicar por que quer votar. E acusa:

— Não é para responder a uma galeria de dupla militância. Estamos aqui para responder aos anseios da Pátria. Não foi sem sacrifício que chegamos à Nova República. Enquanto muitos pregavam o estracalhamento e a desgraça fratricida de uma revolução armada, nós, os moderados, apesar dos insultos, conseguimos fazer a Nova República, sem que se derramasse uma gota de sangue dos brasileiros.

Reclama a solidariedade do PMDB ao Governo:

— Estamos aqui para garantir a transição democrática que construímos. Não podemos dar ao País a lição de que o PMDB é o Partido que apóia o Governo enquanto o Governo vai bem e está em festa, mas que o abandona completamente, abandonando o Brasil, quando as circunstâncias nos levam a condições ruins. Somos um Governo do PMDB. Estamos aqui 17 Ministros do PMDB. Estamos aqui 22 Governadores do PMDB. Estamos aqui aqueles que conduzem a política econômica-financeira do País. Então, que história é esta de um Partido que está no Governo, que usufrui do Governo, que se entrosa no Governo e, subitamente, só porque as circunstâncias estão difíceis ou estão ruins, resolve abandoná-lo? E quem pensa que ilude o povo? O povo está profundamente convencido de que o PMDB e o Governo representam uma única e indissolúvel união. Não queremos a divisão deste Partido.

Os assovios e vaias prosseguem com intensidade. Sant'Anna se quei-



Sant'Anna fica irritado na tribuna

xa de que seu direito de falar está sendo tolhido e afirma que os insultos não o atingem:

— Queremos que fique bem claro quem são os inconformados que não querem nem colocar a sua razão nas palavras que me estão sendo dirigidas. Queremos dizer que, ao contrário, os apupos que saem encomendados, e talvez até assalariados, contra nós todos, são antes um galardão dos que estão lutando pelo progresso e pela felicidade desta Pátria, contra todos esses inconformismos, intolerâncias, todos esses radicalismos dos interesses pessoais dos que querem ser candidatos à Presidência da República, fracionando o Partido.

Esclarece que votar não basta. É preciso que o voto seja aberto:

— Queremos o voto aberto para que cada um diga o que pensa e o que quer, com transparência, para apresentar ao Brasil o que há mais de 20 anos está escondido no PMDB.

Além das vaias, a campanha da Mesa e a palavra do Presidente do Partido, Ulysses Guimarães, determinam o fim do discurso. Sant'Anna exorta:

— Brasileiros, peemedebistas, tancredistas, ulyssistas — porque esta (Ulysses Guimarães) é a grande figura, que representa sempre a unidade e a salvação do Partido — queremos dizer que, juntos, vamos manter a unidade deste Partido. Vamos, sobretudo, garantir que o Brasil prossiga, com a fé em Deus, seu destino de democracia. A votação! Com o voto a descoberto! Pelo PMDB!

Em nenhum momento, o Líder do Governo cita o Presidente Sarney. Depois do discurso, o plenário decide que o voto será secreto.

### ELEITORES ILUSTRES E SEUS VOTOS:

#### PELO VOTO SECRETO

**GOVERNADORES**  
Waldir Pires (BA)  
Carlos Bezerra (MT)  
Miguel Arraes (PE)  
Álvaro Dias (PR)  
Pedro Simon (RS)  
Pedro Ivo (SC)  
Moreira Franco (RJ)  
Orestes Quêrcia (SP)

**MINISTROS**  
Roberto Santos  
Renato Archer  
Marcos Freire  
Paulo Brossard  
Celso Furtado  
Raphael Magalhães  
Almir Pazzianotto

**OUTROS**  
Gonzaga Mota  
Fernando Lyra  
Mauro Benevides  
Humberto Lucena  
Cristina Tavares  
José Richa  
Alfonso Camargo  
Aécio Neves  
Pimenta da Veiga  
Nelson Carneiro  
Franco Montoro  
Mário Covas  
Luiz Henrique  
Fernando Henrique

#### PELO VOTO ABERTO

**GOVERNADORES**  
Flaviano Melo (AC)  
Amazonino Mendes (AM)  
Henrique Santillo (GO)  
Hélio Guérios (PA)  
Alberto Silva (PI)  
Geraldo Melo (RN)  
Jerônimo Santana (RO)  
José Aparecido (DF)

**MINISTROS**  
Aluizio Alves  
Iris Rezende  
Anibal Teixeira

**OUTROS**  
Bernardo Cabral  
Gilberto Mestrinho  
Gerson Camata  
Hélio Garcia  
Jorge Leite  
Cardoso Alves  
Carlos Sant'Anna  
**Ausentes:** Francisco Pinto (BA), Bresser Pereira (SP), Joaquim Andrade (Joaquimzão) e Tancredo Augusto Neves (MG). O Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não vota.

## Governadores criticam quebra de compromisso

BRASÍLIA — Unidade foi a primeira palavra pronunciada pelo Presidente Ulysses Guimarães na abertura do segundo dia da Convenção, ontem pela manhã: "Unidade nas diferenças, no entendimento. Unidade quer dizer PMDB". Pouco antes, havia selado um acordo com os Governadores para deixar à Constituinte a definição do sistema de governo e da duração do mandato, justamente para evitar um previsível "racha" no partido.

O acordo saiu numa reunião no gabinete da Presidência da Câmara, à qual compareceu o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna. Os Governadores protestaram duramente contra o rompimento, pelo Governo, do acordo de adiar a decisão estabelecido durante a semana. No último momento, por determinação do Palácio do Planalto, Sant'Anna orientou os partidários do Governo a apoiarem a votação.

Foi Pedro Simon, Governador do Rio Grande do Sul, o crítico mais veemente da ação do Líder do Governo. Ele alertou para o irremediável "racha" do PMDB, caso o mandato fosse levado à votação. Sant'Anna não justificou a quebra do acordo e deixou a reunião sem responder se participaria ou não dos esforços pelo adiamento da decisão, alegando que iria consultar seus companheiros.

Ao final da reunião, o Governador de Goiás, Henrique Santillo, que defendia a definição na Convenção, com mandato de cinco anos e parlamentarismo, saiu à procura dos convençionalistas de seu Estado para mandar votar pelo adiamento. Ulysses Guimarães deixou a reunião para, às 11 horas, abrir a sessão defendendo a unidade.

## Sant'Anna fica perplexo com voto de sete Ministros e anota os nomes

BRASÍLIA — O fato de sete Ministros do PMDB terem preferido o voto secreto para que o Partido se definisse sobre o mandato presidencial e o sistema de Governo surpreendeu o Líder do Governo, Deputado Carlos Sant'Anna (BA). Perplexo, ele chegou a afirmar que não sabia se o Palácio do Planalto sairia derrotado ou vitorioso daquela votação:

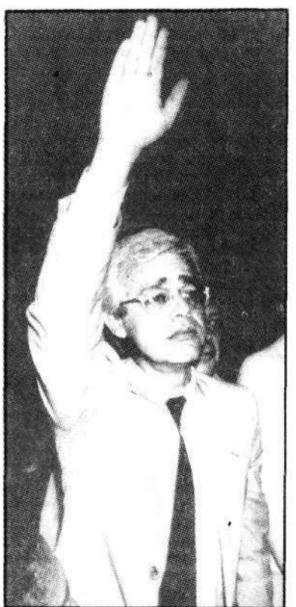
— É difícil interpretar esse resultado, já que a maioria dos Ministros escolheu o voto secreto.

A seu lado, o coordenador da bancada mineira e um dos líderes do grupo Centro Democrático, Deputado Marcos Lima (MG), acrescentou:

— O voto dos Ministros a favor da votação secreta desequilibrou a tendência pelo voto aberto.

Quando o Ministro da Cultura, Celso Furtado, votou, o Deputado Roberto Cardoso Alves (SP) foi ferido: "A esquerda quer ser Governo e Oposição ao mesmo tempo".

Pouco antes da votação, Sant'Anna estava tão seguro da vitória que enfrentou o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e os Governadores do Partido, que se reuniram de manhã e defenderam o adiamento da decisão sobre os dois temas, temendo a implosão do Partido. "Saí de uma prensa", afirmou ao deixar a sala de Ulysses. Em seu próprio gabinete, com os "moderados", manteve os planos: "A unanimidade foi pela disputa", disse. Perguntado se isso não o colocaria em situação difícil com Ulysses, reagiu: "Para mim, vai ser muito difícil, porque gosto muito dele. Mas é uma decisão do grupo". Sobre o confronto com os Governadores, acrescentou: "Respeitamos a



Moreira Franco, pelo voto secreto

vontade deles, mas a Convenção foi convocada para isso".

No plenário, sabia que iria levar muitas vaias. "Reze por mim", disse a um deputado, antes de ocupar a tribuna. Encerrado o discurso, foi para o centro do plenário acompanhar a votação.

A primeira movimentação de

Sant'Anna ocorreu quando o Deputado José Mendonça de Moraes (MG) avisou-lhe que o Governador do Rio, Moreira Franco, estava orientando seus correligionários a optarem pelo voto secreto. Foi informado com o Deputado Jorge Leite (RJ), que confirmou. Sant'Anna conversou, em seguida, com o próprio Moreira, mas não obteve sucesso.

E foi perdendo a segurança. Quando o Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, votou pela escolha secreta, Cardoso Alves virou-se para ele e disse: "Não entendi nada". Sant'Anna anotou num pedaço de papel os nomes dos sete Ministros que haviam votado contra a determinação do Governo.

— O grupo que apóia o Presidente votou pela escolha aberta. A maioria dos Ministros e Governadores votou pela escolha secreta. Alguns influenciaram suas bancadas. É difícil interpretar se esse resultado foi uma derrota ou vitória — afirmou.

Sant'Anna não quis admitir a derrota. Disse que seu grupo votaria pela rejeição da preliminar que propõe a transferência da decisão sobre o mandato presidencial e o sistema de Governo para a Constituinte e que só no fim da Convenção os derrotados seriam identificados.

Afirmou que seu grupo tentaria aprovar os cinco anos para Sarney, mas não proclamou vitória antecipada, como fez no sábado, quando apostou na vitória por dois a um.

— Agora fica difícil dizer se os prognósticos se alteraram ou não.

Marcos Lima veio em seu socorro, dizendo que os dados de sábado valiam para a votação aberta.

— Para o voto secreto, não.

## Nas galerias, vaia unânime foi só contra os ausentes

BRASÍLIA — O boneco José Sarney cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar quando o Presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, anunciou que os convençionalistas tinham decidido pelo voto secreto. Nas galerias, o profundo silêncio da torcida pelo voto aberto foi um contraste com os gritos de alegria e palmas da torcida do voto secreto.

As galerias foram divididas exatamente ao meio, ficando as duas torcidas separadas pelo fosso das escadas: de um lado os que pressionavam pelo voto secreto; do outro os partidários dos cinco anos de mandato e votação aberta. Nessa ala se destacavam os bonecos do Presidente Sarney e do Governador do Distrito Federal, José Aparecido, levados por peemedebistas de Ceilândia.

Pouco antes de começar a votação houve um princípio de tumulto, com empurrões e ofensas, porque tropas de choque dos cinco anos capitaneadas pelos militantes do Rio ligados ao Deputado Jorge Leite e pelos fiéis seguidores do Governador Neton Cardoso, de Minas, disputaram as galerias com os aguerridos militantes do PMDB Jovem do Paraná, São Paulo e Pernambuco. Mas chegou-se a um consenso e o fosso funcionou como fronteira. Ninguém brigou mais e a segurança da Câmara — 120 homens — não teve trabalho.



'Sarney' e 'Aparecido' torceram pela votação aberta

Os militantes acompanharam atentamente cada voto, especialmente os dos Ministros. Iris Rezende levou uma sonora vaia quando optou pelo voto aberto. Já o Ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, recebeu muitos aplausos quando apoiou o voto secreto.

Do outro lado os militantes favoráveis aos cinco anos acompanhavam a votação com igual atenção. Quem optava pelo voto secreto era chamado de "traidor" aos gritos e quem queria o voto aberto era aplaudido. Houve unanimidade nas galerias quanto aos ausentes: quem era chamado pela Mesa e não estava presente levava vaia dos dois lados. Outro caso de unanimidade foi a presença no plenário do Ministro Bresser Pereira. Todos puxaram o corinho "fora daqui o FMI".

O excesso de lotação no plenário e nas galerias — ao todo 2.500 pessoas — fez com que o ar condicionado não desse conta e a temperatura permanecesse alta o tempo todo.

## Camargo tentará emenda popular

BRASÍLIA — Hoje, às 10 horas, o Senador Afonso Camargo se reúne com os "progressistas" do PMDB para definir uma nova estratégia que os leve a conquistar eleições presidenciais no próximo ano. A

tese é apoiar uma emenda popular que defina em quatro anos o mandato. O Deputado Osvaldo Macedo (PMDB-PR) informou que hoje renoverá os contatos com a OAB e a ABI, entidades que, a princípio

patrocinarão a emenda. A pretensão é conseguir dez milhões de assinaturas. — Mas se ficar em um milhão, já é muito bom. Vamos também continuar com os comícios nas capitais — disse Camargo.

A emenda também será apoiada pelo grupo do Senador Mário Covas, ainda sem estratégia definida, mas com reunião marcada para hoje. O apoio à medida, no entanto, foi decidido sexta-feira.

**GARAGEM OU AZULEJO?**  
SOS!  
Linha S.O.S. — Seção de Ofertas e Serviços, agora toda em uma única página do seu JORNAL DE SABERES.  
O GLOBO  
JORNAL DE SABERES

**262-4148**  
ESTE TELEFONE NÃO EVITA DOENÇAS, MAS PREVINE DESPESAS  
**Golden Cross**  
LIGUE JÁ

**Francesco**  
alfaiate  
Agora, tudo muito mais barato na CESTA DA ECONOMIA. 150 padrões para você escolher a seu gosto e fazer a melhor roupa da estação, feita sob medida para você  
**FRANCESCO ALFAIATE**  
Lg. S. Francisco, 26/ 610 — Tel.: 231-0084.

**A calculadora Canon que chegou ao Brasil**  
A Canola P1251-DII é a mais nova calculadora-impressora de mesa com visor da Canon. É uma máquina multifuncional, que imprime as cifras com grande velocidade e silêncio, proporcionando o máximo de eficiência e versatilidade, graças ao teclado espaçoso com desenho ergonômico.  
Agora com a calculadora Canola P1251-DII, fabricada aqui no Brasil, você tem toda a tecnologia Canon a seu dispor, somando muito mais vantagens. Afinal de contas, Canon é o resultado da mais avançada tecnologia japonesa e uma das mais modernas do mundo.  
**Canola P1251-DII**  
12 dígitos  
CANON DO BRASIL IND. E COM. LTDA.  
São Paulo - Rua Domingos de Moraes, 1576  
Tel.: 549-5099  
Rio de Janeiro - Rua Pedro América, 117  
Tel.: 265-6544